

Suplemento
culturalREPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DO PARÁ**Diário Oficial**

ANO 3

BELÉM-PARÁ 20 DE MAIO DE 1984

Nº 26



Eneida de Moraes nas linhas de Genildo Mota.

Nossa Eneida

Há 30 anos, nossa coestaduana ENEIDA DE MORAIS lançava, no Rio de Janeiro, o livro de crônicas intitulado "CÃO DA MADRUGADA".

Cheia de extraordinária vivacidade, na vida e no estilo literário, ENEIDA, que já conquistara um lugar ao êxito no mais badalado centro cultural do País, continuava agradando aos leitores, inclusive quando falava de coisas de sua terra natal, e até de papagaios, como se verá uma crônica daquela obra, transcrita neste SUPLEMENTO.

Coincidindo com o cuidado que o Governador do Pará, JADER BARBALHO, costuma demonstrar pela cultura local, desta vez inaugurando melhorias e o retrato da cronista, fornecido por familiares, na praça que tem o nome dela, dia 30 de abril p.p., o SUPLEMENTO CULTURAL também homenageia a sempre lembrada escritora - pela passagem dos 30 anos do lançamento de "Cão da Madrugada".

Pag. 3

Os Enigmas do Infante

PAULO NUNES é escritor da nova geração e faz sua estréia na imprensa com a matéria a seguir. — Vencida a natural resistência, entregou o texto ainda sem título, mas completo como texto: com a forma correta, a concisão notável, a fuga ao corriqueiro, a trama narrativa-poética delineando-se com segurança.

Sem dúvida, alegra-nos publicar este trabalho, beabá de quem pode chegar a brilhos expressivos, no manejo do verbo.

Quanto ao título, espera a redação tê-lo equacionado satisfatoriamente.

Em Citrial, nasce um menino. Seu próprio espanto dizima (dez) contos de fadas. As flores de riso se entregam num bailar todo azul, azulzinho como seu próprio olhar de olhos castanhos.

Ensinarão-no, mais tarde, a caminhar plantar do bananeiras, e ele - o menino - dava cambalhotas, piruetas de sorriso dentro o arco-íris (se lambuzou todinho de azul, lilás, vermelho, laranja, amarelo, verde, -será que me pinchei de poesia? - perguntava).

A poesia era pra ele a coisa mais enigmática. Tão enigmática quanto sua própria floração em Citrial. Passava horas a fundo pensando por que só ele tinha nascido da semente de uma árvore lá do meio da floresta (será que esta ainda existia?).

Numa de suas andanças e carambolanças por cima dos nuvais (plantações de nuvens), pisou em falso.

... o menino despencou de láá de cima e caiu fora das almofadas de penas de passarinhos. E como não havia ainda Igarapés, o sorriso do menino se diluiu... desmanchou, dissolveu que até nasceu dele um rio enooorme, um riozão lindo, tão lindo que dele surgiram barqueiros de canoas com chapéus de palha para abanar o ventre de toda mulher que quisesse conceber outros menininhos.

Assim foi feito. Voltou à terra toda a alegria do mundo (com cambalhotas e peraltices).

Leia nesse número

- * Hilmo Moreira: Romancista e Novellista
- * Um Pedaco Fotopoético do Amapá
- * M de Malo na "Ronda Literária"
- * Manoel Pastana
- * A Inconfidência segundo Cecília Meireles
- * Poesia Imortal (Augusto dos Anjos)
- * Reminiscências de Belém: Numa Reportagem
- * O Barão e a Revolução (Cabanagem)

"Mãos Dadas" e nossa literatura

Levar a sério nossa literatura, mostrá-la aos estudantes e aficcionados em expressivos ângulos, expandir as apresentações na rede escolar belemense — em suma: semear civilização através da presença viva da cultura literária, — eis o que vai fazer o **Grupo Mãos Dadas**.

Dia 26 de maio, às 19:30h, o ponto de partida, no auditório da Escola Estadual "Deodoro de Mendonça".

Proposta séria de uma equipe dedicada e digna de elogios e imitação.

Nossos leitores conhecerão melhor o **Grupo Mãos Dadas** pela sua "carta de intenções" e programação. (Página 2)

"É preciso retomar o romantismo, ver novamente as coisas com paixão, acreditar no poder de transformar a palavra em vida como o único remédio para a grande anemia espiritual do homem moderno".

Paulo Bomfim

O Grupo "Mãos Dadas" e a sua "carta de intenções"

— "Vamos fazer um trabalho prático?" (1)

— "Vamos!" (2)

Era oitenta e um, outubro. De um ajuntamento nascia um grupo. Treze teimosos pessoas, há três anos (e uns trocados) resolveram gerar um filho, um filho bonito: o "mãos dadas."

Resolvemos remexer a temática social na obra de Chico e Drummond; houve até censura.

Já em oitenta e dois, com um pouco mais de flexibilidade, foi remontado o social drummondiano e de Chico.

Em oitenta e três, mais pesquisas. Agora "falamos de amor", mostrando a visão dos poetas desde o Romantismo até hoje e dos músicos, de Pixinguinha a Djavan.

Dezembro. Há muito tempo latejava em nós um ENCONTRO COM A LITERATURA PARAENSE — homenageando Dalcídio Jurandir e Waldemar Henrique. Discutir a problemática dos escritores do nosso VERDEVAGOMUNDO. Êxito!

Agora estamos voltados à Amazônia, mais especificamente às coisas do Pará, tentando questionar, por exemplo, a derrubada da mata e suas consequências dentro da visão de alguns de nossos músicos e poetas.

No final deste ano, promoveremos o II ENCONTRO COM A

LITERATURA PARAENSE. Novas idéias vão surgir. Soluções? Talvez.

OS OBJETIVOS

Será que queremos muito? Vamos ver.

Descompromissados com espetáculos, pretendemos principalmente, valorizar e divulgar a música e a poesia brasileiras, com destaque às do Pará.

Desenvolvendo pesquisas e divulgando-as, objetivamos formar as bases para o "erguimento" de novas platéias, facilitando o acesso dos estudantes (principalmente) a nossa cultura, despertando, através disso, a sensibilidade e um senso crítico mais aguçado.

Seguindo esta linha de trabalho, pensamos também incentivar a pesquisa, bem como a divulgação artístico-cultural.

Ah, queremos reafirmar nosso caráter didático, questionando também nossos valores culturais na tentativa de revigorá-los. Sabemos que no Brasil a cultura é relegada a "terceiros planos"; — tudo passa, reiterando a famosa "amnésia cultural" brasileira. Nesse triste quadro, Belém surge como a capital que mais devasta seus monumentos do passado. Isso nos deixa angustiados.

N.B. Uma deixa: as personagens do diálogo do início são o (1) Ciro e o (2) — Josse.

dineiro - João de Jesus Paes Loureiro; 6 - Amor de Lua - Vital Lima; - 7 - Tributo a Waldemar Henrique - Beto, Mário e Salomão.

3º bloco: 1 - Pescador - Saint Clair; 2 - Chão d'Água II - José Ildone; 3 - Pauapixuna - Rui e Paulo André Barata; 4 - Mênstruo - Max Martins; 5 - Fogo Batido - P. Nunes; 6 - Mapiinguarí - Otávio Salomão; 4º bloco: 1 - Verdoenga - Válder Freitas; 2 - Liamba - Antônio Tavernard; 3 - Amocariu - Nilson Chaves e Saint Clair; 4 - Círio - Ápio Campos; 5 - Carimbolando - César Escócio.

Poema para a Moça que morreu em uma Igreja de Itaboraí

MESMO SENDO DOMINGO E HAVENDO ESPERANÇAS.

Talvez teu sorriso novamente inundasse a vida nos laranjais dourados de Itaboraí. Talvez teu gesto meigo despertasse o amor na varanda colonial desta cidade onde algum jovem advogado formado por Coimbra te pedisse em casamento.

Entretanto, nada ficou e nada existe. Um ingênuo diário, cartas furtivas, nem mesmo confidências feitas à melhor amiga. Nada registrado, para que a força do mistério te fizesse santa.

Santa Maria dos Laranjais de Itaboraí.

Santa que cavalga lendas habita nuvens pedras, riachos, girassóis luas e igrejas, minha santa, misteriosa santa com quem me pego para evitar as ciladas do amor. Era um domingo lindo como os domingos de Itaboraí leve qual borboleta, partiste mesmo sendo um domingo e havendo esperanças.

Niterói, 21.1.69
RONALDO BANDEIRA

Grupo "Mãos Dadas" mostra sobre A Poesia e a Música Paraense

1º bloco: 1 - Boi Bumbá - Waldemar Henrique; 2 - Batuque - Bruno de Menezes; 3 - Foi Boto Sinhá - Waldemar Henrique e Antônio Tavernard; 4 - Uirapuru - Waldemar Henrique. 2º - bloco: 1 - Constelação - Nilson Chaves; 2 - Gurupá I - Otávio Salomão; 3 - Querer bem não é pecado - Antônio Tavernard; 4 - Eu não tenho nada ... Zé Serra; 5 - O Rei e o Jar-

Suplemento
cultural

Elaborado pela
IMPRENSA OFICIAL
DO ESTADO
sob a coordenação de:
GILBERTO DANIN
JOSÉ ILDONE
GENILDO MOTA
JOSÉ PANTOJA
EUNICE ARAÚJO
CONCEIÇÃO MALATO e
IVANILDO SOARES

Governo


Jader Barbalho

1º de Maio na "Ronda Literária"

Relembrando uma data importante e a saudosa Ronda Literária da lavra do acadêmico paraense Georzenor Franco, transcrevemos parte daquela coluna, publicada dia 05.04.66, na extinta "Folha do Norte", onde pontificou um dos mais importantes jornalistas brasileiros, Paulo Maranhão

Sem dúvida, a transcrição homenageia dois poderosos trabalhadores da palavra, e o poeta abaixo mencionado.

"Dia 1º do corrente foi o dia do Trabalho. Vale recordar, aqui, o belo soneto do poeta paraense Inácio Moura, intitulado "1º de Maio":

É das mãos calosas do operário que a estátua do progresso há de surgir.

Este século é o grande itinerário de um século de paz que ainda há de vir.

Quando Cristo no cimo do Calvário,

no templo do futuro ressurgir, dum oficina fará o seu sacrário,

a serra, o malho à Cruz terá de unir.

Ide avante, mineiros dum tesouro, e fazendo da escola o alvião, do crânio do artista tirai o ouro. O Brasil ergue a voz de saudação:

fazei da Pátria um pedestal de louro,

no braço desta nova legião.

Nossa Eneida

ENEIDA DE MORAIS (Belém, PA, 1903 — Rio de Janeiro, RJ, 1971), participou, em sua mocidade, na capital paraense, de todos os movimentos literários, tendo estreado na literatura com o volume de poesias "Terra Verde" (1929). Em 1930 transferiu-se para o Rio, ali atuando na imprensa e na política. Em 1935 foi detida por causa do movimento revolucionário irrompido naquele ano. Foi companheira de prisão de Graciliano Ramos, que a cita em muitos trechos de seu livro "Memórias do Cárcere". Essa dramática passagem de sua vida, Eneida relata-a na obra "Banho de Cheiro", de reminiscências suas. Outros livros publicados: "Quartelão", contos, 1936; "Cão da Madrugada", crônicas, 1954; "Alguns Personagens", novelas e reportagens, 1954; "Armanda" (1957); "Histórias do Carnaval Carioca"; 1958; "Os Caminhos da Terra", impressões de viagens que fez; em 1959, a Rússia e República Popular da China; "Banho de Cheiro" (1962).

No Rio, Eneida criou uma tradição no carnaval: o famoso "Baile do Pierrot". Militou no "Diário de Notícias", onde manteve uma coluna intitulada "Encontro Matinal".

É Eneida uma das grandes propagandistas das coisas do Pará na antiga Capital da República. Sobre seus trabalhos intelectuais, disse Renard Perez ("Escritores Brasileiros Contemporâneos"): "É autora de uma série de livros de real beleza, onde invoca sua infância no Norte, descreve líricamente suas viagens e exhibe-nos flagrantes pitorescos e humanos, com sua extraordinária capacidade de surpreender a beleza do trivial". (Biografia elaborada por Carlos Rocque, no livro "Grande Enciclopédia da Amazônia", com

êncaixas da redação do SUPLEMENTO).

OS AMIGOS

I — A Imprensa

O carnaval carioca sempre teve amigos e inimigos, defensores e acusadores, uns sempre prontos a colaborar com ele para sua maior grandeza, outros sempre dispostos a esmagá-lo, usando todas as armas para diminuir a alegria de nossos folguedos.

Se o povo carioca é o grande, o eterno carnavalesco, além das grandes sociedades, dois grandes amigos encontrou Momo no início de suas festas: a imprensa e o comércio. Foram eles o esteio, a força impulsionadora, os melhores e mais seguros colaboradores do povo para a implantação de nosso carnaval, para sua evolução até à conquista do título que hoje ostenta: o mais belo carnaval do mundo.

Muito e muito deve o povo carioca à imprensa do passado. Os jornais de várias épocas não apenas se encarregavam — como os de hoje — de noticiar festas, batalhas, descrever o esplendor dos bailes ou a alegria das ruas. Fizeram mais: promoveram concursos, criaram inovações, estimularam grupos e cordões; iam, muito antes da chegada de Momo, correr sedes de clubes, entrevistar foliões, interessando o povo, despertando entusiasmos adormecidos, mortos ou amolecidos de carnavalescos, provocando e incentivando a alegria da população. (Do livro: "História do Carnaval Carioca". Editora Civilização Brasileira S.A. — Rio de Janeiro — São Paulo — Bahia, 1958).

JOSE, O PAPAGAIO

Acontece que durante muitos e muitos anos tive vontade de ter um papagaio. Não porque jul-

gue esse ilustre membro da família dos Psitacídeos um pobre diabo, capaz de apenas repetir palavras e pensamentos, mas porque sempre o considerei — o mais misterioso dos seres alados, talvez o mais misterioso de todos os seres.

Todas as vezes que alguém, perto de mim, amigo ou conhecido, anunciava uma viagem ao Norte, do país, pedia-lhe um papagaio. Pelos meus cálculos, devo ter solicitado aproximadamente trezentas dessas aves, na certeza de que jamais ninguém se lembraria de cumprir a promessa. Os dias se passaram, como acontece em todas as narrativas, até que numa tarde, um garoto a quem eu nunca pedira um papagaio, um jovem encantador de minha estima, surgiu com uma bela gaiola na mão, um sorriso mais belo e uma frase:

— Mamãe ganhou este papagaio; não gosta de bichos e manda ele para você.

Era meu sonho realizado. Pensei no "de onde não se espera é de lá que vem" e em outros axiomas, costumeiras aparições quando em nossa vida ocorrem fatos inesperados como esse. Procurei logo conhecer a maneira mais correta de alimentar um papagaio, saber de suas preferências, estudar as formas seguras de fazê-lo feliz, e principalmente evitar que ele provocasse qualquer anedota. Logo — todas as coisas na vida exigem de mim um nome próprio — resolvi chamá-lo José, e explico que o fiz pelo poema de Drummond meu amigo, poema de meu especialíssimo agrado.

(Do livro *Cão da Madrugada*, Rio, 1954).

Reminiscências de Belém numa reportagem

EIMAR TAVARES

Jorge Andrade, escritor e dramaturgo brasileiro, recentemente falecido em São Paulo, lembrava-me ligeiramente Marques Rebelo, devido a reciprocidade de alguns detalhes fisionômicos que eu houvera observado nas fotografias dos dois renomados homens de letras, reproduzidas e estampadas em livros, revistas e jornais.

Nessas fotos, nem sempre nítidas, vislumbrei a mesmice no rosto ovalado, na fronte unida à calva projetada para a nuca por entre dois flocos de cabelos ralos, (mais, em um; menos, em outro); nos olhos miopes, mas penetrantes, resguardados pelos óculos de lentes grossas, assentados sobre o nariz sem muito relevo, com as aletas derramando-se para os extremos faciais, e, abaixo, as linhas paralelas dos lábios finos, encimados pela **vassourinha** de um simpático bigode...

Pouco interessa se o primarismo do **retrato** não recomenda o petulante descritor. O importante é

que fiquemos solidários com as manifestações de pesar que se uniram em torno do triste acontecimento.

Dentre os trabalhos de Jorge Andrade, como jornalista, ocorre-me à memória a reportagem-reminiscências — "50 Anos, Esta Noite de Natal" — publicada na revista REALIDADE, de dezembro/72, a qual, além do texto, apresenta vários aspectos de fatos acontecidos no decorrer das festas natalinas de 1922, em reproduções fotográficas de Armando Rosário, José Martins, Luca Martins e Clodomir Bezerra.

Quatro daquelas reproduções focalizam eventos em Belém do Pará: — Um anúncio do Cinema Olympia, da exibição do filme "Se Eu Fôra Rei", com William Farnum, "o colosso do Theatro do Silêncio" (sic). As manchetes e manchetas de um periódico local — "De New-York ao Rio Pelos Ares — São Esperados Hoje em Belém os Intrépidos Aviadores Walter Hinton e Pinto Martins — A Ansiedade Pública — Os Grandes

Festejos Projetados ..." Um anúncio — "Natal 1922 — da Casa Sport (A Praça da Figueira no Pará). E, finalmente, um telegrama, com o texto circundando uma reprodução fotográfica de Eneida, nos seguintes termos: "Belém, PA — Eneida de Moraes, brilhante jornalista com apenas 19 anos, secretária da revista A Semana, está pensando em se transferir para o Rio de Janeiro, onde pretende ensinar aos cariocas como um **pirot** brinca o carnaval. Venha logo, Eneida!"

Jorge Andrade. Marques Rebelo. Cinema Olympia dos anos 22. William Farnum. A população assombrada com o **ronco** do primeiro avião que sobrevoava a cidade. Casa Sport dos genuínos produtos portugueses. Eneida, a Eterna, contando neste 27 de abril 13 anos de ausência...

Pergunto ao espelho do lago onde as meninas brincam com as lembranças:

— Não é mesmo motivação de muita tristeza para um velho só?

Carinho de Mãe

ELIANA DE PÁDUA
COSTA

Em uma cidade grande, existia uma menina, na pobreza e sem recursos para sobreviver, vivendo a incerteza do dia-a-dia. Falava que queria ter uma mãe, pois não conhecia, a sua, sozinha num mundo egoísta.

Um dia, levaram-na para um orfanato, onde conheceu irmã Maria, que lhe dispensava os cuidados que reclama uma criança carente.

Certa vez, Fátima — esse era o nome da órfã — falou para a religiosa: — "Irmã Maria, eu queria ter uma mãe".

Contemplando na criança a ausência do carinho, da compreensão e da ternura de um olhar materno, irmã Maria deu-lhe este conselho: — "Você poderá conse-

guir uma mãe. Peça à nossa Mãe do Céu e acredite que Deus já atendeu o seu pedido; Ele sabe das nossas necessidades e agora mesmo já está providenciando a mamãe dos seus sonhos".

Os dias se passaram.. Fátima não esqueceu as palavras de irmã Maria.

Certa manhã de domingo, apareceu no orfanato uma senhora muito rica e que não tinha filhos. Encantou-se de Fátima, a qual ganhara o lar do que tanto sentia falta. Mesmo assim, não esqueceu as suas antigas companheirinhas de orfanidade. Todas as noites, antes de dormir, pedia a Deus e Nossa Senhora que ajudassem as crianças que vivem a falta de um carinho de mãe.



POESIA IMORTAL

1 — O POETA

AUGUSTO DE CARVALHO RODRIGUES DOS ANJOS (Engenho Pau d'Arco, PB, 1884 — Leopoldina, MG, 1914), poeta brasileiro. Caso original na literatura brasileira, é autor de um único livro de grande popularidade: *EU* (1912). Seus poemas, cheios de lirismo e melancolia, mas apoiados em linguagem científica, abordam temas como a morte, cemitérios, hospitais, micróbios, feridas, etc.

(Biografia extraída da Enciclopédia TUDO/Abril Cultural).

"Quem salvou a fama póstuma de Augusto dos Anjos foi seu povo, o do Nordeste e do interior do Brasil. A abundância de estranhas expressões científicas e de palavras esquisitas em seus versos atraiu os leitores semicultos que não compreendiam nada de sua poesia e ficavam, no entanto, fascinados pelas metáforas de composição em seus versos assim como estavam em decomposição suas vidas".

"O mau gosto das expressões científicas e pseudo-científicas? Augusto dos Anjos tem o poder extraordinário de revelar um sentido oculto nos sons dessas palavras bárbaras, que acrescentam um novo frisson às suas visões tétricas e profundamente comovidas. Suas rimas surpreendentes e extravagantes abrem horizontes nunca vistos..."

(OTTO MARIA CARPEAUX)

"No ambiente universitário do Recife, em cuja Faculdade de Direito se formará em 1907, Augusto entrará em contato com o espírito científico que se tornara tradição da famosa Escola do Recife, a partir de Tobias Barreto. Ali, certamente, tomou conhecimento das várias doutrinas derivadas do materialismo e do evolucionismo (Comte, Haeckel, Darwin, Spencer) que marcariam profundamente sua visão de mundo e sua poesia."

"... o parnasianismo e o simbolismo eram as duas tendências atuantes na poesia brasileira. Tanto uma como outra influenciaram na sua formação conforme está evidente em seus poemas, mas a nenhuma delas se filiou, como é fácil de compreender-se se considera a diferença radical entre sua visão de mundo e a dos parnasianos e simbolistas. Essa visão de mundo — que não se esgota nas idéias filosóficas de que parte — elabora uma linguagem poética que assimila e supera aquelas influências."

Do parnasianismo, Augusto herdou, sobretudo, o verso conciso, o ritmo tenso e a ten-

dência ao prosaico e ao filosófico; do simbolismo, além do gosto por palavras-símbolo com malúscula, o recurso da aliteração e certos valores fonéticos e melódicos. Todos esses elementos aparecem mesclados em seus poemas, transformados por uma empostação original que os utiliza livremente, como meio. Não há nele a preocupação formalista mas, antes, a busca de uma linguagem intensa que, por barroca que seja, jamais é meramente ornamental."

"Para Cruz e Souza, a noite é "a grande Monia negra"; para Carlos Drummond de Andrade, "a noite banha tua roupa"; para Augusto dos Anjos, "a noite funcionava como um pulso".

Para Raimundo Correia, a lua é um "golfo de cinzas"; para Drummond, a lua é "diurética"; para Augusto, "um doente de icterícia".

Para Vicente de Carvalho, o cemitério são "alas de ciprestes negros a gemer ao vento"; para João Cabral de Melo Neto, uma "constantinopla complicada" e fornos em que "nenhuma coisa é apurada"; para Augusto, o cemitério é um "boulevard que fede" e um "alambique" onde se processa uma "química feroz".

"Agora, como Lautréamont, se antecipa aos surrealistas:

E a minha sombra enorme enchia a ponte, como uma pele de rinoceronte

Estendida por toda a minha vida!

(As Cismas do Destino)

"A enumeração caótica é outro dos traços característicos da linguagem moderna da poesia, outro recurso do poeta para dificultar a abstratização do discurso".

"Outro traço marcante do universo verbal de Augusto dos Anjos é o uso contumaz de palavras tomadas ao vocabulário científico e filosófico. Habitualmente, a crítica acentua o aspecto negativo dessa terminologia na linguagem do poeta."

"Não lembra "a casa do finado Toca" no velho Engenho do Pau d'Arco? Lá também não há o cupim a minar o "âmago fino do teto", a cobrir as paredes e portas com seu "complicadíssimo intestino"? É curioso observar como esses dois "poetas da morte" reagem literariamente diante do tema: o universo metafórico de Augusto se alimenta da podridão, dos vermes, da noite, do luto, do carvão, dos signos zodiacais, da superstição; o de João Cabral, da calcinação, da aridez, do ossuário, da cal viva — a morte diurna. Os mortos de Augusto apodrecem e fedem; os de João secam, viram cal; Augusto fala de sua própria morte; João, da morte dos outros. João Cabral jamais poria em livro seu título *Eu* — nem mesmo *Tu* ou *Nós* — poria *Eles*. Sua linguagem

mineral é uma tentativa, não apenas de deter o fluir da linguagem, mas o fluir do próprio tempo da existência. Sua retórica

anti-retórica é uma defesa contra a morte."

FERREIRA GULLAR

2 - A POESIA

(EXCERTOS)

Somente a Arte, esculpindo a humana mágoa,
Ablanda as rochas rígidas, torna água
Todo o fogo telúrico profundo
E reduz, sem que, entanto, a desintegre,
A condição de uma planície alegre,
A aspereza orográfica do mundo!

E o turbilhão de tais tonemas acres
Trovejando grandiloquos massacres,
Há de ferir-me as auditivas portas,
Até que minha efêmera cabeça
Reverta à quietação da treva espessa
E à palidez das fotosferas mortas!
(Monólogo de uma Sombra)

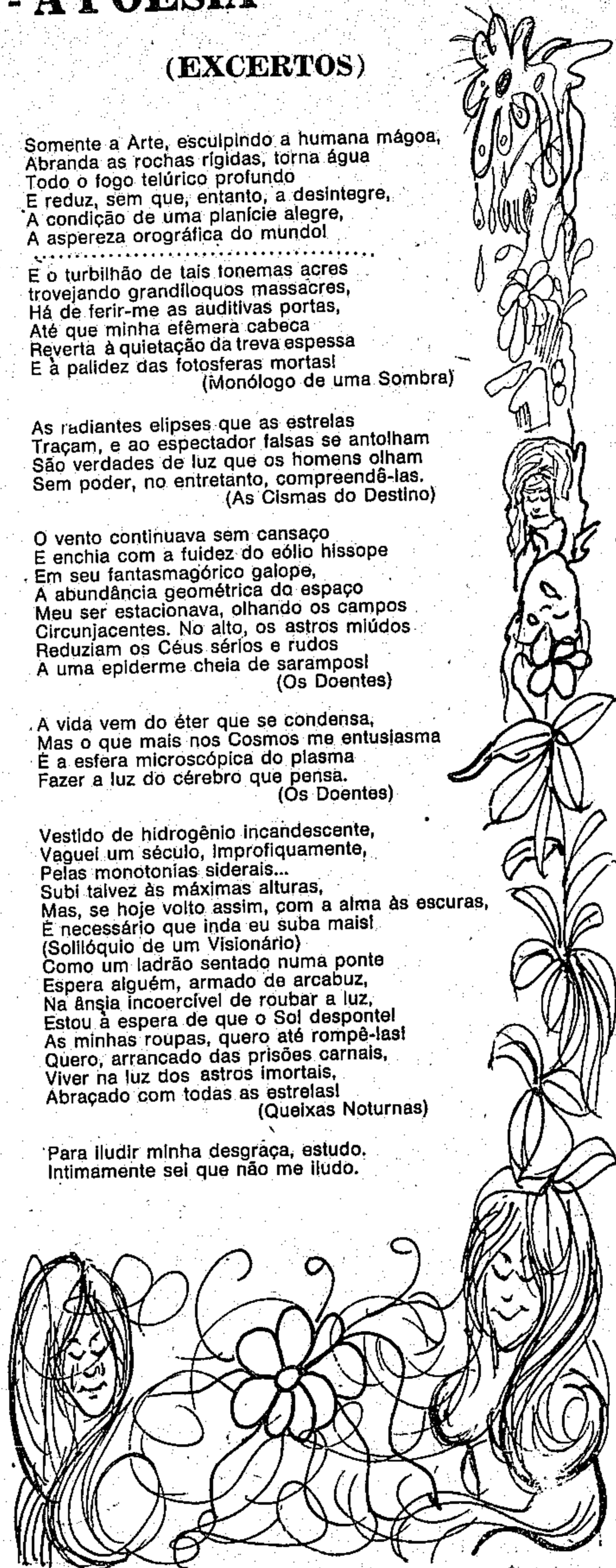
As radiantes elipses que as estrelas
Traçam, e ao espectador falsas se antolham
São verdades de luz que os homens olham
Sem poder, no entretanto, compreendê-las.
(As Cismas do Destino)

O vento continuava sem cansaço
E enchia com a fúidez do eólio hissope
Em seu fantasmagórico galope,
A abundância geométrica do espaço
Meu ser estacionava, olhando os campos
Circunjacentes. No alto, os astros miúdos
Reduziam os Céus sérios e rudos
A uma epiderme cheia de sarampos!
(Os Doentes)

A vida vem do éter que se condensa,
Mas o que mais nos Cosmos me entusiasma
É a esfera microscópica do plasma
Fazer a luz do cérebro que pensa.
(Os Doentes)

Vestido de hidrogênio incandescente,
Vaguei um século, improfiquamente,
Pelas monotonias siderais...
Subi talvez às máximas alturas,
Mas, se hoje volto assim, com a alma às escuras,
É necessário que inda eu suba mais!
(Soliloquio de um Visionário)
Como um ladrão sentado numa ponte
Espera alguém, armado de arcabuz,
Na ânsia incoercível de roubar a luz,
Estou à espera de que o Sol desponte!
As minhas roupas, quero até rompê-las!
Quero, arrancado das prisões carnisais,
Viver na luz dos astros imortais,
Abraçado com todas as estrelas!
(Queixas Noturnas)

Para iludir minha desgraça, estudo,
Intimamente sei que não me iludo.



000532

DIÁRIO OFICIAL

Notícias da Academia Paraense de Letras

1 - Para a Diretoria, no biênio 1984/86, foram eleitos, na sessão de 11 de abril, e empossados no aniversário da Academia (03 de maio), os seguintes acadêmicos: **Georgenor Franco** (Presidente) **D. Alberto Gaudêncio Ramos** (Vice-dito), **Alaudio de Oliveira Meilo** (1º secretário), **Hilmo de Farias Moreira** (2º Secretário), **Alonso Rocha** (Tesoureiro), **Pedro de Brito Tupinambá** (Diretor da Biblioteca), **Cônego Apio Campos** (Diretor de Arquivo), **Victor Tamer**, **Silvio Hall de Moura** e **Pedro José Martins de Melo** (Comissão de Contas), **Clóvis Silva de Moraes Rego**, **José da Silveira Netto** e **Cécil Meira**, **Nazareno Tourinho** e **Acyr Castro** (Comissão da Revista)

2 - O Governo do Estado, através da Secretaria da Fazenda, mandou creditar pelo Banpará, na conta da APL, o auxílio anual de Cr\$ 2.000.000,00 (o dobro do ano anterior), e o deputado federal **Ademir Andrade** comunicou ter destinado ao Sodalício, Cr\$ 100.000,00 de sua verba pessoal.

3 - Para organizar o programa comemorativo do Centenário de nascimento do saudoso poeta **Rocha Moreira** (Fundador da cadeira nº 37, patrocinada pelo poeta e educador viglense **Teodoro Rodrigues**), foram nomeados os acadêmicos **Acyr Castro**, **Victor Tamer** e **Octávio Avertano Rocha** (este, o orador da solenidade, em junho, por ser o atual ocupante daquela cadeira).

4 - Foram doados à biblioteca "Acilino de Leão", da Academia, pela família de **Murilo Menezes**, 250 livros avulsos e em coleções, de **Camilo Castelo Branco**, **Antônio Vieira**, **Gilberto Freire** e **Alexandre Herculano**.

5 - Para o Concurso Literário de 1984, estavam inscritos 11 candidatos no gênero Poesia, 03, no gênero Crônica e 01, no gênero Romance. Mas este número de concorrentes pode aumentar, pois a pedidos, foi ampliado o prazo de inscrição até o final de maio corrente.

6 - **Clóvis Meira** comunicou à APL que tomará posse dia 31 próximo, ocupando a cadeira nº 39, que tem como patrono o polígrafo viglense **Vilhena Alves** e último ocupante **Octávio Meira**.

7 - O presidente **Georgenor Franco**, em convalescença de um processo operatório, encaminhou ao plenário da Academia, uma proposição referente ao centenário do cientista conterrâneo **Gaspar Viana**, patrono da cadeira nº 18 e da qual é titular **Epilogo de Campos**, manifestando integral apoio da APL às comemorações que o Conselho Estadual de Cultura (CEC) e o Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP) vieram a programar, este ano.

E comunicou que o empresário **Giorgio Falangola** confirmou que editará mais um número da Revista da Academia no segundo semestre, e pretende publicar a obra premiada no Concurso de Folclore Amazônico, do qual é o patrocinador.

Por falar neste concurso, venceu-o ante o parecer unânime dos membros da Comissão (**José Idone**, **Pedro Tupinambá** e **Paolo Ricci**), lido naquela sessão da APL, a obra intitulada "O Mundo Encantado e Maravilhoso dos Índios Mura", de autoria da antropóloga **Amélia Maria Rodrigues**, pesquisadora do Museu Emilio Goeldi, que usou o pseudônimo (exigido nos concursos da Academia), **Iaabe**.

8 - O acadêmico **Carlos Rocque** anunciou a reedição da Grande Enciclopédia da Amazônia e, para atualizá-la, solicitou a biografia aos acadêmicos não incluídos na edição anterior.

Poema Noturno

Vejo estrelas, quão belas estrelas!
Estrelas quão meigas, tão singelas.
Vejo-as nos arcanos como velas
a cintilarem no negro azul.
Vejo estrelas distantes, tão mais velhas.
Vejo-as pequeninas em tom: amarelas.
Vejo-as nas profundezas do Édem Sideral,
tão rasas, em longínquos enfeites.
Vejo-as tênues, a dentro, animal
de cores na Via de Leite.
Vejo-as na solidão
do angustiante e caudaloso frio.
Vejo-as no gesto fino da mão
em busca inútil do vazio.
Vejo-as à beira-rua,
à beira-rio,
à beira-nova-lua.
Vejo-as no reflexo dilatante da pupila
nos princípios translúcidos do dia.
Vejo-as nuas.
Vejo estrelas no lirismo apaixonado
de um olhar discreto.
Vejo estrelas à margem das janelas
entre paisagens de concreto.
Vejo-as minhas.
Vejo estrelas como eu: miragens quão belas,
quão sozinhas.

JOÃO MIRAMAR

De onde virá o socorro?

Arlinda Pantoja Ribeiro
(Aluna de Letras da UPPa.)

(Menino do morro; assombrado, sofrido e endurecido pela vida)

Pés descalços, vestes rasgadas,
Nos olhos a tristeza faz morada.
Olha pro alto, mas...
De onde virá o socorro?
Sua única realidade
É ter nascido no morro.

Amanheceu...
E no escuro do quarto, seu rosto
É apenas um esboço.
Atende ao chamado da mãe
E vai buscar água no poço.

Sobe e desce as ladeiras.
Quer chova, quer faça sol,
A noite lhe chega...
Não corra um manto mas
Um humilde lençol.

E outro dia amanhece...
Sua mãe já não o chama,
chora, faz uma prece
À sua mãe que jaz inerte.

E outra vez anoitece...
Agora que está sozinho
Por tão escuro caminho
Vê-se apenas
O vermelho do seu gorro
Olha pro céu, mas...
De onde virá o socorro?
Sua única realidade
É ter nascido no morro.

Amargura fi

Emir
Sant

Minha vida!... Que fi
No fim da estrada, eu
Sentindo uma amargura
Lançando ao vento o

Oh! quanta, quanta oca
De me tornar apóstolo b
Só acho em mim, no
Vis atitudes que lembr

É muito tarde, agora!...
Eu me espojei dos l
Quanto pequei! Quan

Que me ficou da longa
Um punhado de versos
E a dor mortal de r

Mãezinha

Eu te agradeço, mãe,
pela vida que me
Eu te agradeço, mãe,
pelo tempo que me
útero.

Eu te agradeço, mãe,
pela alegria na dor q
ao me pores no muni
Eu te agradeço, mãe,
pelas lágrimas que
pelo calor do teu sei
pelas noites de insô
Eu te agradeço, mãe,
por tudo o que soub

E me penitencio, mãe,
por não ter podido
quando deixaram de
e se tornaram opaco
E me penitencio, mãe,
por não ter podido
frias

quando te foste do r
e me deixaste só.
E sofro, mãe,
a saudade de ti,
do teu carinho,

000533

DIÁRIO OFICIAL

do teu amor
do teu ser,
do teu tudo,
porque a saudade, mãe
é a presença do ausente,
e ela me faz cada vez mais amar-te.

CARLOS ALBERTO CORDEIRO é paraense, residindo há muitos anos no Rio de Janeiro. Na correspondência que mantém com o nosso confrade Pádua Costa, reforçando fraterna amizade, desde os tempos do antigo curso ginásial, no Colégio Salesiano N. S. do Carmo, sempre o faz alinhando recordações de sua querida Belém. Excelente cronista e poeta da fina sensibilidade, qualidades herdadas de seu saudoso pai BENEDITO CORDEIRO, "para quem o Pecado tinha cheiro branco", segundo registra De Campos Ribeiro ("Graça Aranha e o Modernismo no Pará", pág. 21, 2ª edição, Conselho Estadual de Cultura, Belém, 1973), na conferência que o inesquecível poeta proferiu, abordando a repercussão daquele movimento literário, em nossa terra, no decorrer de 1922.

De CARLOS ALBERTO CORDEIRO é o poema que, acima, divulgamos.

Extra-classe

ISAAC DIAS GOMES

Findou mais uma arguição,
Meio decepcionada,
A mestra Neusa Lousada
Disse ao aluno João:

"Tirou zero na lição:
Seguindo por essa estrada,
Vai, no final da jornada,
Merecer reprovação".

"Seu irmão - estudioso,
Será embaixador famoso,
Homem de raro valor".

"Você... O que será você?"
E o menino diz-lhe: "O quê?"
Ora... irmão de embaixador..."

Pergunta sem resposta

A todas as mães de excepcionais e em particular a uma nobre amiga do coração.

13.05.1984
SYLVIA HELENA TOCANTIS

Filho: que se passa dentro da tua vida parada sem som, sem cor, sem voz, sem movimento?

Nesse vazio imenso não existe nada que possa refletir-se em teu pensamento?

Quem sabe se existe o próprio pensamento dentro do teu corpo jovem e tão sofrido? Nunca terás ouvido ao menos um momento o som da minha voz chamando-te querido?

Quisera merecer a graça abençoada de te ouvir falar e ver ao menos uma vez. Eu já me sentiria feliz, recompensada e entre todas as mães, seria a mais feliz, talvez.

Mas nesse mundo em que vives, apático e distante, insento da maldade que cá na terra existe, és puro, és anjo, és astro deslumbrante que brilha no meu céu interior e triste.

Mãe Preta

Pádua Costa

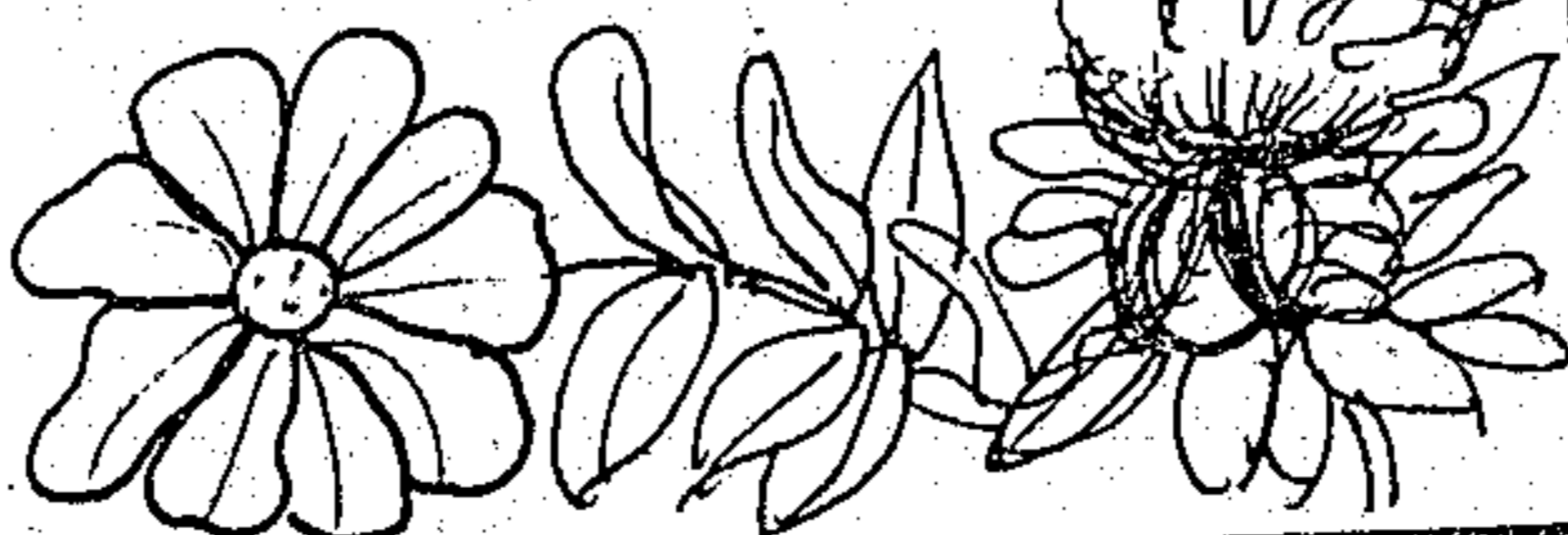
Mãe Preta,
que saudades eu sinto do teu carinho,
cuidados,
preocupações,
de tuas estórias, nas horas de ninar,
nos meus tempos de criança.

Era uma vez ...

Tudo passou,
foi mudado,
até as estórias.

Mãe Preta ficou velhinha.
O coração cansou,
de tanto amar ...

Certa vez,
vi Mãe Preta cercada de crianças.
Ela dormia um sono profundo.
Não percebia os pequeninos,
à sua volta.
Mãe Preta nunca mais despertou.
Foi embora para o céu ...



nal

Bemerguy
Belém-1984

z de minha vida?
me pergunto, aflito,
dolorida,
meu inútil grito...

sião perdida
endito!
instante da partida,
evito.

Oh: como é tarde !...
maçais nos fundos!
fui mau, covarde!

caminhada?
vagabundos
não ter feito nada!...

deste em teu ser,
aguardaste em teu

ue sofreste
do.

choraste por mim,
o,
hia que te fiz passar.

este dar.

beijar-te os olhos
brilhar
s.

afagar-te as faces
mundo

Hilmo Moreira:

romancista e novelista

Em 10 de março de 1972, tomava posse na Academia Paraense de Letras (cadeira nº 24, cujo patrono é José Veríssimo e últimos ocupantes Djard de Mendonça, Osvaldo Viana e Leônidas Monte), o romancista **Hilmo Moreira**.

Nascido em 20.05.1923, no município de Aveiro, estudou em Belém (Grupo Escolar "José Veríssimo", Ginásio "Paes de Carvalho" e Faculdade de Medicina do Pará).

No Rio, fez o curso de Fisiologia Sanitária. Concluiu o CPOR, e, "ainda no período estudantil foi redator auxiliar do então Departamento de Imprensa e Propaganda, tendo a seu cargo a publicidade da Divisão Artística e Cultural".

No território federal do Amapá, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro e Pará, exerceu várias funções, não só de caráter profissional, mas também administrativo e magisterial (pois é professor normalista, pela antiga Escola Normal do Pará).

Possui medalhas e diplomas de órgãos públicos do Pará.

Como escritor, publicou "O Jovem Dr. Luís" e "Uma Vila, Uma Cidade, Umas Vidas...", editados pela Pongetti (Rio), e a novela "Ninguém Mentira à Própria Solidão", impressa pela Gráfica Sagrada Família (PA), em 1978, sob patrocínio da Secretaria Municipal de Educação (SEMEC).

Esta obra é apresentada por Machado Coelho e José Guilherme de Campos Ribeiro, e traz ilustrações de João Augusto Proença (Janjo).

Sobre a segunda obra citada, diz Sinésio Dias:

"Dentre os romances brasileiros, publicados, ultimamente, um se destaca pelo seu estilo filosófico, humanista e, porque não dizer, poético. Trata-se de "Uma Vila, Uma Cidade, Umas Vidas...", de Hilmo Moreira, Irmãos Pongetti — Rio.

Nele, há trechos bem imaginados, que nos fazem chegar aos limites da tristeza, enquanto noutros os risos afloram aos nossos lábios.

O autor de "Uma Vila, Uma Cidade, Umas Vidas..." sem exagero e sem favor, pode figurar em linhas paralelas com José Lins do Rego e Jorge Amado, porque tem qualidades intelectuais e estilo literário apreciáveis, observador arguto das coisas reais, destacando-se pela naturalidade de suas descrições."

E José Guilherme enfoca a novela:

"Ninguém Mentira à Própria Solidão enfleixa o drama de dois homens (pai e filho), que se vêem de um momento para o outro banidos de seu próprio destino, sendo colhidos, além, nas redes de

um drama de trágicos contornos, onde o autor movendo suas personagens como as pedras de um tabuleiro de xadrez, procura retratar no desenvolvimento cênico, sutil, a face menos sedutora das modernas sociedades."

A tela é a paisagem social das grandes cidades brasileiras e o dramático é uma constante na excelente novela de Hilmo Moreira que vem desmentir, por sinal, a opinião dos falsos críticos das nossas artes de que, na Amazônia, só valem as obras cuja temática esteja vazada de um regionalismo estúrdio ou de conexão telúrica.

Em sua novela, Hilmo Moreira deixa filtrar, entre a beleza do estilo e a leveza da forma sua profundamente universalista, o que empresta a obra um valor que transcende ao mero fixionismo.

Ninguém Mentira à Própria Solidão, muito mais do que a tragédia de dois homens, simboliza o drama de uma sociedade flagelada pela decomposição irremediável dos costumes."

É dessa novela que extraímos o início do capítulo xiv, para nossos leitores contactarem com o estilo do escritor **Hilmo Moreira**, que afirmou certa vez: "Não tenho fixação neste tema (regionalismo), mas sim no homem em si, como um sofredor; aqui ou em qualquer parte do mundo".

Há alguma coisa de especial, de mais interessante ou de menos interessante no amor entre as pessoas idosas. Por vezes, o senso de autq crítica é abalado, esquecido mesmo, advindo daí atitudes ridículas e incongruentes ao decoro que devem ter os indivíduos amadurecidos. Tal fato acontecia em muitas espécies com D. Amélia, na sua pomposa qualidade de noiva de Cícero Fernandes. Ele, bem a propósito, exagerava o respeito à pessoa de sua eleita, a tal ponto que a exasperava, obrigada a conter seus impulsos sequiosos, ao mesmo tempo que a tornava freneticamente emocionada. — Cícero, o meu Cícero é um perfeito cavalheiro, digno de minha admiração e do meu amor... Eram seus constantes pensamentos.

Até mesmo os negócios da grande Joalheria no centro da cidade ficaram para um plano secundário, entregues inteiramente a Experidião, o gerente. Este, há longos anos trabalhava como caverna mestra na fabulosa casa comercial de propriedade da ricaça apaixonada. Era um homem que merecia confiança dos patrões. Até então tinha sido honesto, e discreto quanto a seus sentimentos. Sim, Experidião, nortista, caladão, há tempos que sentia um frio esquisito percorrer-lhe a espinha, de cima abaixo, toda vez que fitava a viúva.

Felo, solteirão, cheio de manias, um tanto encurvado e um tanto gago, Experidião amava-a em silêncio...

Silvío via tudo, mas se achava sem o menor direito de censurá-la, nem sequer de aconselhá-la. Porém, nas raríssimas conversas mantidas sobre o assunto, quando ela deixava que transbordassem os seus encantamentos, na justa e humana ilusão da fase amorosa, ele, desajeitadamente, deixava transparecer o seu descontentamento e total desaprovção. É verdade que Cícero o tratava bem, com distinção até, mas, sem razão palpável, sentia pelo ator profunda antipatia. Achava-o cabotino, — e ele realmente o era, — frio, um indivíduo dono de um fingimento intolerável. Nunca passou pela sua mente que ele tivesse ou viesse a ter propósitos criminosos, mas, ao analisá-lo, julgava-o um aproveitador indigno. Mas, que fazer? Como mudar os sentimentos dos que amam com fervor tal como acontecia com D. Amélia, entregue totalmente à afetividade. Ora, — assim já pensava, — o amor quando existe de fato, quando é real, sentido, não tem idade e a sua cegueira é intratável. Sem cura...

FILOSOFANDO

1 — Amigo, não tortures o coração na expectativa do dia que não chegou, não queiras viver o que ainda não aconteceu.

2 — Entre as dobras do passado e o limiar do porvir, nesse emaranhado de crenças, em meio aos enganos do mundo e os terrores do além, mantém-te liberto e sê feliz.

3 — Nada de comparar sua sorte com a dos outros. Quanta gente parece felicíssima, mas na verdade sua existência não é mais que um amontoado de ruínas. Será mesmo que vivem em um mar de rosas?

Pura ilusão. Todos têm seu quinhão de sofrimento; um recebe o que o outro perde, mas a dor não esquece ninguém.

4 — O caminho do fraco é deixar que as dolorosas realidades da vida arrasem com sua alegria de viver.

5 — Estabeleça no seu programa diário um equilíbrio saudável entre seus problemas, trabalho e diversão.

6 — Viva sua própria vida e não a vida que os outros querem que você viva.

7 — A única lição na descida: se já não existem aplausos, pelo menos os sorrisos não são mais falsos; é que expressam um reparar de desencantos.

8 — Por fim, bondade essencial, é essa que sai espontaneamente do coração sem o reparo do cérebro.

RECEBEMOS

1 — De Hélio Pennafort, a obra **"Um Pedaco Fotopoeítico do Amapá"**, editado em 1983, pelo Departamento de Imprensa Oficial do Território. Jornalista de respeitável tirocinio, Hélio Pennafort soube aliar a clareza e boa angulação das fotos, as legendas em forma poética, como verificamos do seguinte exemplo: "Observe bem / a feição desta casa. / Parece conversar alegremente / com a árvore." (Tessalônica). — "Basta um filete d'água / e peixe. / E alguma paca no mato. / Logo chega o caboclo / e começa o povoado. / (Maruanum). — "De tanto ser vaidosa / e querer sobressair, / ela está perdendo folhas / e vai cair." (Margem do rio Amapá Grande). — "Qual o avô que não levanta / o braço do netinho / logo no primeiro round / do box da vida?" (Curiaú). — "Na estrada líquida, / o táxi de madeira. / Movido a remo, peixe, açai / e mingau de macaxeira." (Maruanum). E as sintéticas e saborosíssimas explicações: "O marujo da costa do Norte começa desde cedo a ter intimidades com a embarcação. Aos 14 ou 15 anos já pega na cana do leme e aprende a desenrolar a bujarrona. Na viagem, vai observando o jeito de se apanhar sem perigo um rabo de maré e como não ser surpreendido por bancos de areia quando a canoa precisa fazer alguns bordejos no contra-vento. / A última fase do aprendizado é saber se guiar pelo sol e pelas estrelas na ocasião em que a terra desaparece no horizonte."

Muito gratos ao Hélio Pennafort pela oferta, um brinde valioso para qualquer biblioteca.

2 — Do acadêmico Ildelfonso Guimarães, o convite para o

lançamento do livro **"Os Dias Recurvos"** ("uma aventura burlesca que terminou tragicamente em cruenta batalha naval"), em **Óbidos (Pará)**, há 52 anos. **Promoção da Secretaria de Cultura, Falangola Editora e Academia Paraense de Letras**, na sede desta entidade, dia 8 p.p.

3 — Do poeta **João Gadelha**, representante, no Norte e Nordeste, da Shogun Arte, o convite para o lançamento do livro **Antologia de Poetas Paraenses**, na Livraria e Papelaria Martins, (Belém-Pa), em 26 de abril passado.



Fachada do Museu Histórico Dom Diogo de Sousa, em Bagé.

4 — Do Senador Hélio Gueiros, telegrama agradecendo encaminhamento do Suplemento Cultural.

5 — Da Academia Cearense de Letras, o agradecimento pela remessa do Suplemento, em correspondência assinada pela Secretaria Executiva, **Maria da Conceição Sousa**.

6 — Da Representante da Library of Congress, Lygia Maria Ballantyne, ofício de 23 de abril, acusando e agradecendo o recebimento de publicações que serão encaminhadas à sede da Biblioteca, em Washington, incluindo-se, entre as

publicações, números do nosso Suplemento.

7 — Do Professor **Astrogildo Fernandes** (de Porto Alegre-RS), o ofício a seguir transcrito: "Na ocasião de Professor de História e integrante do CIPEL — Círculo de Pesquisas Literárias — local, onde o suplemento literário desse Diário Oficial foi divulgado, manifesto meu grande interesse em receber a referida publicação. Havendo possibilidade, gostaria de receber os números já publicados.

Parabenizando a

Imprensa Oficial do Estado do Pará, por tão feliz iniciativa em favor da cultura do nosso povo, subscrevo-me com antecipados agradecimentos pela acolhida que for dispensada ao exposto.

8 — Do Museu Dom Diogo de Souza, de Bagé-RS, cartão com o seguinte texto: "Este Museu manifesta seu maior interesse em receber o Suplemento Cultural editado pela Imprensa Oficial, e que tem tido a maior repercussão neste Estado", (com a ilustração que reproduzimos). A todos, agradecemos as palavras de elogio e incentivo.

De Carlos Nejar

A palavra é como carne. Só mastigada, alimenta. Só quem pelas coisas entra as possui, adormecidas. As palavras se sujeitam a quem elas vivem. É quando o amor se salva. Tua alma é tua casa e se a palavra te brilha é porque com ela casas, aprimoras a mobília. Usas a carpintaria com madeiras femininas. O formão, a serra fina pela tua cortesia deslizam na pele esguia das tábuas.

Chegue antes de minha morte. Agora está só em mim a morte que percorri. Saio fora de minha morte para dentro de outra morte que eu invento. Cheguei depois de minha morte. Ficarei com o tempo inteiro. É da morte que a vida se clareia e faz tudo o que toca verdadeiro. Não morre comigo o povo. Continua caminhando. Ao silêncio, volto ao silêncio daquela estrela.

Observação

Por um lapso deixamos de citar, na edição passada deste Suplemento, o nome do cantor Marcelo Clayton, à pág. 5.

A Inconfidência segundo Cecília Meireles

Lembrando o 21 de abril e, conseqüentemente, TIRADENTES, porta-voz da insurreição mineira contra o domínio luso, uma tendência verbal, ante a

delação, prisões e mortes (sem reação armada), - homenageamos aquele alferes revoltado e seus companheiros de conspiração, com versos de CECÍLIA

MEIRELES, a grande poetisa brasileira, extraídos do livro ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA:

EXCERTEOR

(Vede os pequenos tiranos, que mandam mais do que o Rei! Onde a fonte do ouro corre, apodrece a flor da Leil!)

Ai, que tanta arrôba de ouro deixa os sertões extenuados...
Ai, que tudo é muito longe, e os reis têm olhos fechados...
Ai, que a Providência fala pelos homens desgraçados...)

Já se ouve cantar o negro.
Chora neblina, a alvorada.
Pedra miúda não vale:
liberdade é pedra grada...
(A terra toda mexida,
a água toda revirada...
Deus do céu, como é possível
penar tanto e não ter nada!)

Como as palavras se torcem,
conforme o interessê e o tempo!
(Como se fazem de honrados
os Condes, de bolsos cheios!)

E a vida, em severos lances,
empobrece a quem trabalha
e enriquece os arrogantes
fidalgos e flibusteiros
que teimam mais que a rainha
por estas minas distantes!

LIBERDADE, AINDA QUE TARDE,
ouve-se em redor da mesa.
E a bandeira já está viva,
e sobe, na noite imensa.
E os seus tristes inventores
já são réus - pois se atreveram
a falar em Liberdade
(que ninguém sabe o que seja).

Romance XXVII ou
DO ANIMOSO ALFERES
(E ninguém percebe
como é necessário
que a terra tão fértil,
tão bela e tão rica
por si se governe!)
águas de ouro puro

seu cavalo bebe.
Entre sede e espuma,
os diamantes fervem...
(A terra tão rica
e - ó almas inertes! -
o povo tão pobre...
Ninguém que proteste:
Se fosse como ele,
a alto sonho entreguel!)
Romance XXVIII ou

DA DENÚNCIA DE JOAQUIM SILVÉRIO

Vede como está contente,
pelos horrores escritos,
esse impostor caloteiro,
que em tremendos labirintos
prende os homens indefesos
e beija os pés aos ministros!

Romance XXXI ou DE MAIS TROPEIROS

Por aqui passava um homem
- como o povo se ria! -
que reformava este mundo
de cima da montaria.

Por aqui passava um homem
- e como o povo se ria! -
que não passava de Alferes
de cavalaria::

"Faremos a mesma coisa
que fez a América Inglesa!"
E bradava: "Há de ser nossa
tanta riqueza!"

Dizem que agora foi preso,
não se sabe onde.
(Por umas cartas entregues
ao Vice-Rei e ao Visconde.)

Mas ninguém mais se está rindo,
pois talvez ainda aconteça
que ele por aqui não volte,
ou que volte sem cabeça...

Romance XXXIV ou DE JOAQUIM SILVÉRIO

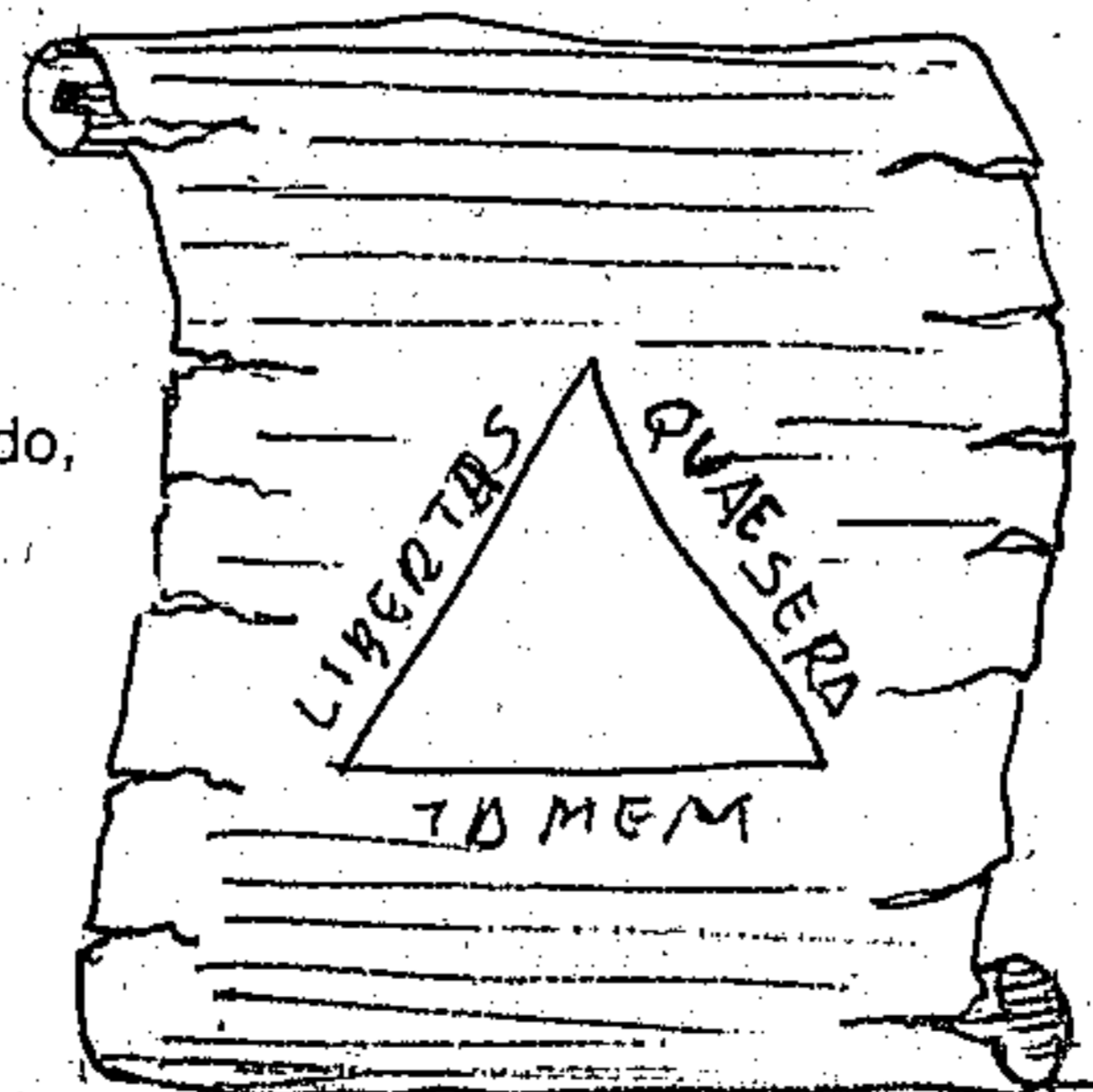
Melhor negócio que Judas
fazes tu, Joaquim Silvério!

Pois ele encontra remorso,
coisa que não te acomete.
Ele topa uma figueira,
tu calmamente envelheces,
orgulhoso e impenitente,
com teus sóbrios mistérios.
(Pelos caminhos do mundo,
nenhum destino se perde:
há os grandes sonhos dos
homens,
e a surda força dos vermes).

Romance LXXXI ou DOS ILUSTRES ASSASSINOS

Ó grandes oportunistas,
sobre o papel debruçados;
que calculais mundo e vida
em contos, doblas, cruzados,
que traçais vastas rubricas
e sinais entrelaçados,
com altas penas esguias
embebidas em pecados!
Levantai-vos dessas mesas,
saí de vossas molduras,
vede que masmorras negras,
que fortalezas seguras,
que duro peso de algemas,
que profundas sepulturas
nascidas de vossas penas,
de vossas assinaturas!

Considerai no mistério
dos humanos desatinos,
e no pólo sempre incerto
dos homens e dos destinos!
Por sentenças, por decretos,
pareceríeis divinos:
e hoje sois, no tempo eterno,
como ilustres assassinos.



O Barão e a Revolução

Continuamos a publicação de trechos dos "MOTINS POLITICOS", de Domingos Antônio Raiol, Barão de Guajará.

A matéria aborda a fase da revolução dos cabanos, a maior da Amazônia e talvez, do Brasil, pois determinou a morte e deposição de governadores (ou presidentes de província, em 1835), e a posse de três governadores rebeldes, tendo a capital capitulado duas vezes, ante o ataque dos revoltosos.

No texto deste número, aparecem vários personagens importantes daquela revolução: o corifeu rebelde (Cônego Batista Campos), o primeiro presidente cabano (Malcher), o presidente da Província (Lobo de Sousa) e um jornalista agressivo (Lavor Papagaio).

Todos os fatores vão-se comprimindo até a explosão final, cujo ápice foi o dia 7 de janeiro de 1835, quando ocorreu a primeira tomada de Belém pelos cabanos. Esta data, (e nisso concordamos com o historiador contemporâneo CARLOS ROCQUE), é o ponto básico do movimento que só se extinguiria em 1840, com a queda do último reduto rebelde, em terras que hoje pertencem ao Estado do Amazonas.

O cônego Batista Campos odiava de há muito a Malcher por considerá-lo um dos agentes que tinham concorrido para a sua prisão e fuzilamento tentado na manhã de 17 de outubro de 1823 de combinação com Greenel. Mas a necessidade política pôs de parte o ressentimento, e ele não escrupulizou em pedir-lhe uma confidência secreta a pretexto de tratar de interesses vitais da província. E reconciliados, conversaram largamente sobre a situação, acordaram no plano da conspiração e nos meios de executá-la, reconhecendo ambos a necessidade de chamar outros auxiliares, escolhidos de preferência entre os desafetos do presidente, que infelizmente os tinha em grande número, atento o modo pouco urbano com que tratava até as pessoas gradas que não lhe eram somenos.

Estes auxiliares nunca deixam de aparecer quando no seio da sociedade já existe a predisposição contra os agentes do poder; surgem e tropel de toda parte aos primeiros acenos dos descontentes. O espírito sedicioso é de fácil percussão aos gritos de alarme no meio das massas descrentes e duvidosas da sensatez do governo.

Na casa de João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha, sita na Praça Pedro II, se daria um chá na noite de 7 de setembro a pretexto de solenizar o aniversário da independência política do império, e seriam convidados o presidente e o comandante das armas. Os conjurados se reuniram na porta do palácio do governo quando aí tocassem as bandas de música como era de costume. Daí partiriam com uma delas dando vivas próprios da ocasião até a casa de Tenreiro Aranha. Chegados que fossem, entrariam pela porta adentro e em ato contínuo prenderiam a Lobo de Sousa e a Santiago, fazendo-os embarcar e seguir sem demora para a corte no mesmo navio em que tinham vindo. O cônego Batista Campos tomara então o governo da província, e de acordo com os seus partidários faria depois as mudanças que conviessem ao bem geral dos povos: tal era o plano concertado.

Nesta conjuração havia intenção de derramamento de sangue; pelo contrário os coligados assentaram evitá-lo por todos os meios possíveis: queriam todos que a deposição fosse pacífica como a do Visconde de Goiana. Abortou porém o plano; tudo foi transtornado pelo excitemento dos espíritos exaltados, que sempre precipitam os acontecimentos dando-lhes muitas vezes direções e fins imprevistos e inesperados.

O cônego Batista Campos precisava de toda liberdade de ação para poder prevenir com tempo o que fosse mister à trama. Convinha-lhe antes de tudo achar um homem temerário, que quisesse tomar a redação e responsabilidade de seu jornal. Indicaram-lhe um nestas condições: chamava-se Vicente Ferreira Lavor Papagaio, que, escapando de ser assassinado no Ceará, de onde era natural, por causa de sua linguagem atrevida e insultuosa na imprensa, passara-se corrido para o Maranhão, e aí dedicava-se à defesa e sustentação exagerada das idéias republicanas. Convidado, não pôs dúvida em mudar-se para o Pará, vindo residir na própria casa do cônego Batista Campos, na rua do Norte.

O Publicador Amazoniense não saiu mais à luz da publicidade; em substituição surgiram os pasquins. Não havia manhã em que se não concitasse o povo à revolta por meio de papéis incendiários, colados às paredes das ruas e esquinas, espalhados pelas praças e lugares de maior trânsito. Sentiu-se logo recrudescer a animosidade pública, tornando-se manifestos os sintomas de

contentamento da população que, olhando sempre de revés para os que estão em cima, nunca deixa de aplaudir a quem arremessa dardos contra os agentes do poder. Lobo de Sousa viu-se obrigado a mandar recrutar para a marinha alguns dos turbulentos que mais se distinguiram no rebuliço.

Não tardou que aparecesse um novo jornal intitulado Sentinela Maranhense na Guarita do Pará, de responsabilidade de Camilo José Moreira Jacarecanga, também natural do Ceará. É escusado dizer que este jornal proclamou-se ao nascer como campeão dedicado das liberdades pátrias, paladino sincero dos direitos do povo! E estribilho comum repetido frequentemente nos programas de todos os gazetários mediocres, que tem a fatuidade de querer dirigir a opinião pública; julgam-se luzes da sociedade quando não passam de ridículos histriões, verdadeiros demolidores da moral e dos bons costumes. A Sentinela Maranhense abriu as suas

colunas com este verso que lhe servia de epigrafe:

"Sem rei existe um povo,
Sem povo não há nação:
Os brasileiros só querem
Federal Constituição".

D esmoralizar o sistema monárquico e a regência do império; abalar as instituições do país; excitar o furor popular; subverter a ordem pública; deprimir os delegados do governo; rebelar a província — tal parecia ser a mira de Lavor Papagaio. Nos dois primeiros números do seu jornal, únicos que foram publicados e distribuídos, ele lançou-se como possesso contra Lobo de Sousa e Santiago, pintando-os com cores negras, como tiranos e rancorosos déspotas. Sem interesses, nem relações de família, que o pudessem ligar à província, pouco se importava com o futuro; eram-lhe talvez mesmo indiferentes as perturbações da ordem pública; estranho em casa alheia, não se impressionava com os infortúnios daqueles com que convivia debaixo do mesmo teto".

O livro é um sol, mesmo dentro da noite

REVIVER

Reviver
É como pintar
com tinta nova
um quadro
já desbotado pelo tempo.
É como trazer de volta
um passado distante
nos dias do presente.

Reviver
É como viver
por alguns instantes
toda uma vida
que o passar dos tempos
tentou apagar
mas que em nossa mente
volta viva
com mais força
em todo seu esplendor.

RAYOLANDA.

MANOEL PASTANA

(1888 - 1984)

SEBASTIÃO GODINHO

O Pará vem de perder um dos seus mais eminentes filhos, e o Brasil um dos seus mais importantes pintores. Trata-se de Manoel Pastana.

Apesar de seu estado de saúde, de uns tempos para cá, viesse preocupando seus familiares e amigos, não esperávamos tão breve a pungente tristeza de registrar o seu falecimento, ocorrido no dia 25 de abril, às 7 horas, em uma clínica geriátrica no Rio de Janeiro.

Vi-o pela derradeira vez em 1978 quando da sua última visita a Belém, ocasião em que expôs seus belos trabalhos na galeria "Theodoro Braga", do Teatro da Paz, a convite do Conselho Estadual de Cultura, que por sinal guarda em seu acervo algumas obras do falecido Mestre, incluindo um auto-retrato.

Dele conservo não somente a lembrança do homem compreensivo e simples que a todos tratava com cordialidade e atenção, como também o quadro **Enxada de São Lourenço**, óleo sobre madeira (30 x 20), trabalhado com espátula, cuja composição revela o virtuosismo plásti-

co do grande artista que teve a magnanimidade de m'o presentear.

Nascido na antiga Vila do Apeú, região bragantina, a 26 de junho de 1888, Manoel de Oliveira Pastana, teve como mestre dois importantes vultos na pintura nacional: Theodoro Braga e Francisco da Silva y Estrada. O primeiro paraense, objeto de abrangente estudo do preclaro amigo historiador Clóvis Silva de Moraes Rêgo, e o segundo, de origem espanhola, concorreu consideravelmente para a renovação das artes em nosso Estado ao lado de outros estrangeiros: Windhopff, Baradas e De Angelis.

A obra de Pastana é digna de um minucioso e competente estudo por especialistas na matéria. Diz Silvio Meira: "Pela época em que iniciou sua atividade artística ficou marcado pelos ensinamentos de seus mestres. Deve ser compreendido dentro dos padrões próprios que adotou e que não poderia abandonar mais."

Seu invulgar interesse pela temática amazônica levou-o a en-

veredar pelos inúmeros caminhos da arte decorativa, realizando um imenso painel artístico sobre nossa Região. Valeu-se do colorido e das formas da fauna e flora para recriar uma obra autêntica repleta de telurismo e magia. É o casco de jabuti que, pacientemente redesenhado, assume formas de um vaso tapajônico. São as asas multicores das araras, guarás e tucanos; dos pássaros misteriosos da fauna selvagem que nas mãos mágicas do primoroso artista se estilizam para formar labirintos, azulejos e peças decorativas. São folhas de mangueira, palhas de açazeiro, enfim é a flora impressionante que, transportada para a tela, se reflete em filigranas raras e magnéticas como a própria Amazônia.

Pastana morre com 96 anos deixando filhos e a viúva de seu último casamento, D. Guiomar Celeste Nobre Pastana. Foi sepultado no Cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro.

Decano dos pintores do Pará, Pastana, sem dúvida, há de receber dos seus conterrâneos, as homenagens a que faz jus pela gloriosa missão que cumpriu tão dignamente.

FRUTO

LAURA DE ALMEIDA SEQUEIRA

Mãe, perguntou-me a criança,
como é que eu nasci ?
Como é que nascem todas as crianças ?
Quis responder,
mas a verdade crua,
dura,
nua,
para um ente de tão tenra idade
a palavra me tolhia.
Olhando então um fruto que nascia,
crescendo,
aumentando dentro da flor,
disse: - É assim, meu amor.
Perguntou-me ela viva, inteligente:
- Então és árvore ?
Eu disse simplesmente:
- Sim. Uma árvore.
Feliz, balouçando os galhos

ao sabor da brisa leve,
ao ver nascer o fruto dourado
e sazonar ao seu lado.
E quando vem a tempestade
para protegê-lo, os galhos curvados,
ainda feliz, mesmo chorando ...
Mas um dia
mãos estranhas colhem seu fruto
e o levam para uma vida estranha
e nesse dia
não há mais alegria
nem mais felicidade
nos galhos sacudidos pela brisa
e ela anseia pela tempestade
para se vergar,
se curvar,
se fechar
para poder chorar ...